

**António de Sousa**  
**Presidente da Associação Portuguesa de Bancos**

# 'Taxas de juro vão continuar baixas até meados de 2010'

Famílias e empresas podem contar com **folga nos orçamentos**. Mas aumento das taxas de juro seria bom sinal para a economia

**TÂNIA FERREIRA**  
 tania.ferreira@sol.pt

HÁ SINAIS de retoma na economia nacional, mas, para o ex-governador do Banco de Portugal, não é claro que «já ultrapassámos a recessão». António de Sousa defende que aposta do Governo nas grandes obras públicas «não é a estratégia certa para relançar a economia» e acredita que o país não está preparado mexidas nos impostos.

**Como avalla a actual situação económica e financeira nacional? Já batemos no fundo e estamos a recuperar?**

Houve um período inicial, que se prolongou até Abril ou Maio e, nalguns casos, até mais, após a situação de quase pânico de Setembro e Outubro que se seguiu à falência da Lehman Brothers. As pessoas tentaram vender tanto quanto possível os *stocks*, para não terem de fazer novos investimentos financeiros, até porque havia um grande receio de que obter novos financiamentos fosse muito difícil – e era. Isto multiplicado por milhares de empresas, na maioria dos países fez com que a produção industrial desacelerasse e até parasse. Neste momento, esta diminuição de *stocks* tendencialmente terminou. Há outra vez mais encomendas, levando a uma retoma.

**Esta retoma já é estável?**  
 Há dificuldade ainda em perceber até que ponto o

consumo final e os investimentos vão ou não arancar. Se se voltar a entrar num ciclo em que há novas compras, toda a cadeia começa de novo a funcionar. Mas também é verdade que podemos estar a assistir apenas a uma reposição de *stocks*, pouco acompanhada de aumento do consumo. Ainda não é claro que já ultrapassamos a recessão.

**E no investimento, vê sinais de retoma?**

É onde vejo maiores dificuldades, porque as vendas ainda não estão ao nível anterior à crise e haverá muitas empresas com capacidade de produção excedentária. Nesta incerteza não será a altura mais adequada para novos investimentos.

**As empresas continuam afiladas?**

A concessão de crédito aumentou, às famílias e às empresas. Não me parece que o crédito seja o principal problema para as empresas neste momento, a não ser para as que estão demasiado endividadas e têm problemas de tesouraria. A verdade é que os juros desceram muito. Apesar de os

**'Provavelmente, para o ano, vamos manter níveis de desemprego semelhantes aos deste ano'**

**'O normal é que as taxas de juro médias fiquem à volta dos 2% ou 3%'**

*spreads* terem subido, o que as empresas pagam hoje é razoavelmente inferior ao que pagavam há um ano.

**E o que é que famílias e empresas devem fazer à folga obtida?**

Depende da situação de partida. Muitas estavam a começar a ficar sobreendividadas e, portanto, devem usar a margem para reduzir os empréstimos. Além disso, as poupanças estavam a níveis historicamente baixos. É natural que subam. Por outro lado, com a estabilização da economia é normal que assistamos a algum aumento do consumo.

**É expectável que as taxas de juro se mantenham baixas?**

As taxas baixas deverão manter-se. Mas, se é verdade que tal situação está a beneficiar sobretudo as famílias, também é um indicador que a economia não está a recuperar. Quando começar, é normal que se dê um aumento da inflação.

**Quanto às taxas de juro, o que espera?**

O BCE tem como objectivo que fiquem à volta dos 2%. Tudo indica que a inflação ainda demore a chegar a esse nível. Portanto, a probabilidade de as taxas aumentarem este ano, ou mes-

mo na primeira metade do próximo, é relativamente baixa. No conjunto de 2010, considero que seria um bom sinal se as taxas comessem a subir.

**Até quanto?**

O normal é que as taxas médias fiquem à volta dos 2% ou 3%. E não acredito que as Euribor, por exemplo, cheguem aos níveis de 2008, de 5%. Acredito que 2010 ainda vai ser um ano de taxas baixas.

**Nas empresas, vai continuar a haver insolvências e *lay-off*?**  
 Claramente, nesta área está a melhorar-se. Mas é natural que continue a haver mais insolvências, porque havia empresas muito descapitalizadas.

**E a taxa de desemprego?**

Numa primeira fase da retoma económica não há grande criação de emprego. As empresas vão elevar a capacidade produtiva que estava instalada, mas não estava a ser utilizada. Provavelmente, para o ano vamos manter níveis de desemprego semelhantes aos deste. A aparente boa notícia é não haver um grande aumento do desemprego e continuarmos um pouco abaixo da média da Zona Euro.

**Concorda com a estratégia de grandes projectos do Governo?**

Se o objectivo é combater a crise, seria muito mais produtivo fazer muitos pequenos investimentos, do que poucos grandes. Os projectos mais pequenos têm um impacto muito mais imediato. A construção ou recuperação de estradas, es-

## Perfil

Chegou à liderança da APB há poucos meses. Foi o governador do Banco de Portugal que estabilizou o escudo e preparou a entrada de Portugal no euro (1994 a 2000) e, entre outras decisões, atribuiu a polémica licença de banco ao BPP. Licenciado pela Católica, doutorou-se em Gestão na Wharton School da Universidade da Pensilvânia (EUA). Aos 54 anos, é hoje também acionista fundador da ECS Capital – sociedade que gere fundos de *private equity*. O seu primeiro cargo público foi na administração do extinto IPE, de onde saiu para o segundo governo de Cavaco Silva como secretário de Estado da Indústria. Seguiu para a administração do Banco Totta & Açores e daí para a presidência da CGD, marcada por divergências com o CEO, Mira Amaral.

António de Sousa não poupa elogios

colas, hospitais, etc., podem arrancar rapidamente. E empregam mais pessoas. No caso das grandes obras, temos de reflectir se, com o que aconteceu nos últimos dois anos, estamos na mesma situação dos estudos que foram feitos. Por exemplo, se as projecções de tráfego aéreo ainda são as mesmas.

**Neste momento, faria sentido baixar ou aumentar os impostos?**  
 A resposta *standard* para

reagir a uma crise é baixar os impostos. O problema é se há dinheiro para isso. A diminuição de impostos seria importante, nomeadamente para a criação de emprego, mas duvido que haja condições. Mas também não creio que seja a altura para os aumentar. Com o actual nível de impostos, dificilmente a medida iria contribuir para sair da crise. Provavelmente, agravá-la-ia.





Capacidade revelada pelo sistema bancário nacional perante a crise internacional | HELENA GARCIA

## BPP nunca deveria ter sido um banco

NÃO HÁ margem para dúvidas. «O sistema financeiro português reagiu muito bem à crise internacional», defende o presidente da APB – Associação Portuguesa de Bancos, realçando que o sistema «é muito sólido tanto em capitais, como no funcionamento». A solidez dos bancos portugueses «foi demonstrada pela capacidade que tiveram de ir ao mercado internacional financiar-se e por terem usado apenas uma pequena parte do pacote financeiro que o Estado disponibilizou», considera o banqueiro.

António de Sousa diz ainda que «a maioria dos portugueses não saberá, mas o nosso sistema financeiro é até apontado como um dos mais eficientes a nível europeu». E salienta que «muitas vezes não temos ideia do que é possível fazer em Portugal, em termos bancários, e que não é noutros países». Realça o facto de, nas máquinas do Multibanco, poderem ser feitas muito mais operações em Portugal do que na Alemanha ou França, por exemplo.

Casos como o BPN ou BPP não podem afectar a imagem de solidez do sistema português, afirma. «Estamos a falar de casos que nada têm a ver com a solvência dos bancos ou os seus capitais. São operações que estão a ser analisadas – e não vou comentar se há ou

não ilegalidades –, mas claramente não têm a ver com práticas habituais de bancos».

E não hesita em repetir que, no Banco de Portugal, onde era o governador quando foi emitida a licença de banco ao BPP, «pensávamos que não devia ser um banco, mas sim uma sociedade gestora de património». Ao atribuir a licença, diz que se limitou a cumprir a lei. «É taxativa e diz que, desde que se cumpram os requisitos em termos de capitais e organização, a emissão da licença é obrigatória».

Tal como previa, «o BPP acabou por quebrar numa situação de crise financeira. Um banco deste tipo, que faz a gestão de fortunas, é muito mais frágil do que um comercial normal».

O fim do BPP, «que é esperado mais tarde ou mais cedo, não vai ter impacto no sistema», prevê. E o fundo criado para tentar resolver o problema do retorno absoluto, cuja gestão foi entregue ao Banif, «pode estar em risco se houver falta de adesão dos clientes».

**'Fundo para retorno absoluto do BPP pode falhar por falta de adesão dos clientes'**

## «Não há excesso de agências bancárias em Portugal»

SE É verdade que há bancos a operar no mercado nacional com agências a mais – e que vão ter de reduzir a dimensão da sua rede de retalho –, há outros que ainda não têm suficientes pontos de atendimento e terão de investir na expansão. «Em Portugal não há

excesso de agências bancárias, em termos globais, e não creio que este número vá variar muito no futuro próximo, entre aberturas de uns e encerramentos de outros», considera António de Sousa.

Questionado sobre se a rede nacional tem a di-

mensão adequada, o banqueiro diz que «tudo depende do tipo de banca que se faz em cada país».

Referindo os exemplos de Espanha – com um balcão quase em cada esquina – e de Inglaterra – onde quase não há pontos de atendimento –, An-

tónio de Sousa realça as diferenças, dizendo que «Portugal caminhou para um modelo mais parecido com o espanhol, de pequenas agências, mas em maior número».

Por outro lado, António de Sousa acredita que «há espaço para alguma con-

centração entre bancos no sistema financeiro nacional. Se vai acontecer ou não, não sei».

O responsável da APB argumenta ainda que «o nosso grau de concentração bancária é menor face a países da nossa dimensão, como a Holanda, Bélgica, Áustria e

Dinamarca, que até têm um nível de desenvolvimento económico bastante mais elevado».

O banqueiro lembra que lá fora, «a nível geral, está tudo bastante calmo a nível destas operações. A maior preocupação agora é a recapitalização dos bancos».

**ANTÓNIO DE SOUSA** Presidente da Associação Portuguesa de Bancos

# 'Taxas de juro vão ficar baixas até meados de 2010'

» **ECONOMIA** António de Sousa vê sinais de retoma, mas avisa que «não é claro» que recessão tenha acabado

» **BANCA** Responsável elogia solidez do sistema financeiro e garante que BPN e BPP foram exceções à regra

» **RETALHO** Presidente da Associação Portuguesa de Bancos considera que não há excesso de balcões no país ↻ PÁGS. 4 E 5

